 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 057. Processos e dinâmicas no ciberespaço: divergências, dissidências, usos e contra-usos em relação à experiência de si

Laura Graziela F. de F. Gomes (Universidade Federal Fluminense) - Coordenador/a, Eliane Tânia Martins de Freitas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE) - Coordenador/a Pretende-se reunir trabalhos que discutam din?micas que problematizem continuidades off/online, al?m das articula?es entre p?blico/privado/intimidade na rede, a fim de apreendermos modos de subjetiva??o que valorizem engajamentos mais exclusivos com o online. Mesmo reconhecendo os usos instrumentais off-line da rede, inclu?mos din?micas dissidentes/divergentes e pr?ticas de usos/contra-usos que requerem mais reflexividade e experimenta??o com/na rede. Pensamos em quest?es de g?nero/sexualidades dissidentes contempor?neas tamb?m como fen?menos pr?prios da cibercultura, resultantes de seus propiciamentos, n?o apenas na busca de se visibilizarem, mas tamb?m de modo a valorizarmos sistemas classificat?rios nativos cujas categorias sugerem experimenta?es que n?o visam tanto o off-line. Outra quest?o relevante refere-se ao trabalho na rede e de que modo ele sinaliza desafios e propiciamentos quanto ?s alteridades e diversidades relativas aos entes humanos/n?o-humanos que podem conduzir a novos regimes de self. Tamb?m inclu?mos modos do fazer pol?tico, que se radicalizam pelos usos mais t?ticos e reflexivos de se lidar com a rede e a pr?pria informa??o. Se empresas e corpora?es beneficiam-se dos rastros deixados por usu?rios, novas gera?es deles v?m investindo em modos de socializa??o pol?tica propriamente digital, o que d? origem a fatos pol?ticos novos, pr?prios daquele meio, bem como novas ferramentas e novas socia?es delas decorrentes.

O Jogo da Baleia Azul: Fake News, Lenda Urbana ou Pânico Moral?

Autoria: Francis Moraes de Almeida

A preocupação de que jovens possam ser influenciados a condutas negativas é uma constante nos Estados Unidos: nos anos 30 foram os filmes de gangster, nos 50 os quadrinhos de horror, nos anos 80 os role-playing games (RPGs) são acusados de influência satanista e alto risco à saúde mental e nos 90 os jogos eletrônicos de tiro em primeira pessoa são vistos como incitação à prática de assassinatos em massa. Embora se originem no contexto norte-americano, tais preocupações se expandem além dele, sobretudo através de rumores e das chamadas lendas urbanas: histórias apócrifas que circulam por fax, posteriormente correntes de e-mails e hoje em dia por meio de mensagens de Whatsapp, advertem contra ameaças insuspeitas e pedem para que o aviso seja compartilhado. O presente work busca compreender o chamado ?Jogo da Baleia Azul? (Blue Whale Challenge), que ocupou um amplo espaço tanto nas mídias tradicionais quanto nas redes sociais em abril de 2017 (especialmente no Brasil e na India). Embora ele apresente todas as características das chamadas fake news, a associação de casos de suicídio e de vítimas e a prisão dos chamados curadores do jogo no Brasil lhe conferem características distintas das lendas urbanas de outrora, por outro lado a intensidade e relativa brevidade do pico da preocupação com o fenômeno o aproximem muito do que se poderia classificar como um pânico moral. A partir da construção de um corpus de pesquisa tomando postagens de amplo alcance na rede social Facebook, matérias jornalísticas, artigos científicos publicados sobre o tema e sites que reúnem postagens de Whatsapp sobre o tema (efarsas e boatos.org) procura-se compreender este fenômeno em sua especificidade, tomando como referência as categorias analíticas de lenda urbana e pânico moral, bem como a designação ?fake news?. Evitando-se cair na questão simplificadora de responder de antemão se o Jogo da Baleia Azul existe ou não, busca-se compreender a partir dos efeitos que ele produz em diferentes âmbitos. Palavras-Chave: lenda urbana, pânico moral, Jogo da Baleia Azul.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**